

# 1

## Introdução

Este trabalho pretende circular pelas experimentações mais recentes da obra de Tunga e o que elas têm de mais específico: as instaurações, as fabulações que acompanham sua obra, os escritos do artista, os filmes, fotografias e esculturas híbridas.

Escrever aqui vem de uma necessidade: ex-pulsar, fazer pulsar fora, fora de uma experiência pessoal. Uma instauração de Tunga afeta o sistema nervoso e nos faz pensar. A sensação é disruptiva. A disrupção nos levaria ao texto, provocado por um encontro fortuito com a obra.

O desafio desse trabalho é falar do contemporâneo “no contemporâneo”, pois muitas obras citadas ocorreram em simultaneidade com a produção desse texto, e continuam a se processar. A obra de Tunga está sempre em conexão com esse movimento do contemporâneo, mudanças em alta velocidade, e nos oferece a possibilidade de novas conexões a qualquer momento. Esse texto então se apresenta como uma cartografia momentânea, e entendemos que os resultados encontrados aqui dizem respeito a um período delimitado pelo protocolo acadêmico, mas a experimentação da obra aqui abordada vasa, e transborda essas barreiras de tempo e meios. A obra está em aberto, não configura de modo algum um mapa fixo.

No primeiro capítulo, buscaremos falar do corpo como lugar da experimentação em Tunga. Não ficaremos restritos à obra desse artista, pois pensar o corpo em Tunga nos convida a refletir sobre alguns trabalhos de Lygia Clark, Hélio Oiticica e Artur Barrio. Será a partir do diálogo entre essas poéticas, e de questões surgidas da obra de Tunga, que abordaremos também possíveis conexões entre a presença de corpos na obra de Tunga e os *objetos relacionais* de Lygia, os *parangolés* de Hélio Oiticica e a radical experiência de Artur Barrio em *4 dias 4 noites*.

No capítulo dois, pretendemos apontar a singularidade da obra de Tunga no contexto da arte brasileira contemporânea: a *instauração*. Esse capítulo focalizará o uso do termo *instauração*, que, em nossa leitura da obra de Tunga, estaria ligado à experimentação, distinguindo-se por outro lado de *performance* e de *instalação*.

Pensar a instauração nos leva a investigar se haveria ressonâncias poéticas dessa operação nos trabalhos de outros artistas da cena contemporânea do/no Rio de Janeiro, mais por conta de afinidades nas ações poéticas (estratégias) do que por mera proximidade geográfica. Os procedimentos (estratégias) da instauração de Tunga teriam ressonâncias nas ações de outros artistas? Partiremos de uma questão: a noção de autoria. Essa questão nos leva a outros artistas e grupos de artistas que também propõem uma autoria coletiva em sua obra, e, portanto, abordaremos trabalhos de Cabelo, Jarbas Lopes e do grupo *Atrocidades Maravilhosas*, entre outros. Desdobrar essa questão será a proposta da segunda parte da presente dissertação. De início, podemos dizer que fomos levados a repensar a noção de autoria na obra de Tunga, assim como as noções de espaço e imersão.

*Mas o que vem a ser uma instauração?*

Para realizar essa pergunta contamos com alguns *intercessores*<sup>1</sup>: Deleuze e Guattari, em “Rizoma”<sup>2</sup>, Suely Rolnik, em “Instaurações de Mundos”<sup>3</sup>, Guy Brett em “Everything simultaneously present”<sup>4</sup>, e Lisette Lagnado em “Instauração: um conceito entre a instalação e a performance”<sup>5</sup>, além do discurso do próprio artista.

Ao longo da pesquisa/ do processo de ir de encontro a obra, foram realizadas entrevistas com Tunga, Artur Barrio, e Reinaldo Laddaga, autor de um importante artigo publicado na *Art-Press* sobre a retrospectiva de Tunga em Nova York, em 1997. Essas contribuíram em muito para abriremos novas redes de conexão, no texto e pensamento.

O percurso do presente trabalho será um rizoma, uma leitura transversal, mapeando as *contaminações mútuas* que atravessam a obra de Tunga e encontram ressonâncias fora dela. Pretendemos investigar o uso do termo instauração por diversos autores, e a possibilidade de expandir seu uso para além da obra de Tunga.

<sup>1</sup> Conceito formulado por Deleuze (1992) como relação que se fabrica entre autores, conceitos, termos que se intercedem, na formação de séries, de redes, isto é, relação de intervenção e interferência que desestabiliza, e, ao mesmo tempo, possibilita a criação.

<sup>2</sup> Deleuze, G e Guattari, F., *Mil Platôs vol.1*, cap.1.

<sup>3</sup> Rolnik, Suely, “Instaurações de Mundos”, in: *Tunga:1977–1997* (cat).

<sup>4</sup> Guy Brett. “Everything simultaneously present”<sup>4</sup>, in: *Tunga:1977–1997* (cat).

<sup>5</sup> Lisette Lagnado, “Instauração: um conceito entre a instalação e a performance”.In:*Arte Contemporânea Brasileira*.

Este estudo propõe uma interlocução com os conceitos de *rizoma*, *cartografia* e *agenciamento coletivo* de Deleuze-Guattari, e de *corpo vibrátil*, de Suely Rolnik.

Como questões teóricas que inspiraram essa dissertação estão as de Suely Rolnik em “Instaurações de mundos”<sup>6</sup> onde a autora observa a instauração sob um prisma político.

A discussão sobre o conceito de instauração foi desdobrada por duas autoras: Suely Rolnik, e Lisette Lagnado. Para Rolnik, a operação de uma instauração relaciona-se com a política, e com a tentativa de se criar resistência aos mecanismos capitalistas de apropriação de subjetividades. Para Lisette Lagnado a instauração surge como um novo conceito que se distingue das categorias de performance e instalação. E Tunga lança essa proposta como um questionamento das instituições, rompendo com as fronteiras que separam a arte da vida, a arte de outros domínios do conhecimento, e propondo um lugar onde a noção de autoria individual dê lugar à múltiplas vozes, numa poética coletiva.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende ampliar a discussão de um assunto tão novo e tão vital para o alargamento das fronteiras que aprisionam o mundo das artes e as possibilidades de criação, especialmente no Brasil.

Para concluir, deixaremos em aberto a questão, pois a instauração é antes de tudo um convite a experimentar. Experimentar esse encontro com uma obra provocadora de pensamento. E por que não começar pelo meio?

---

<sup>6</sup> Suely Rolnik, “Instaurações de mundos”. In: *Tunga: 1977-1997* (cat.).